
MÚSICA

16 MARÇO '08

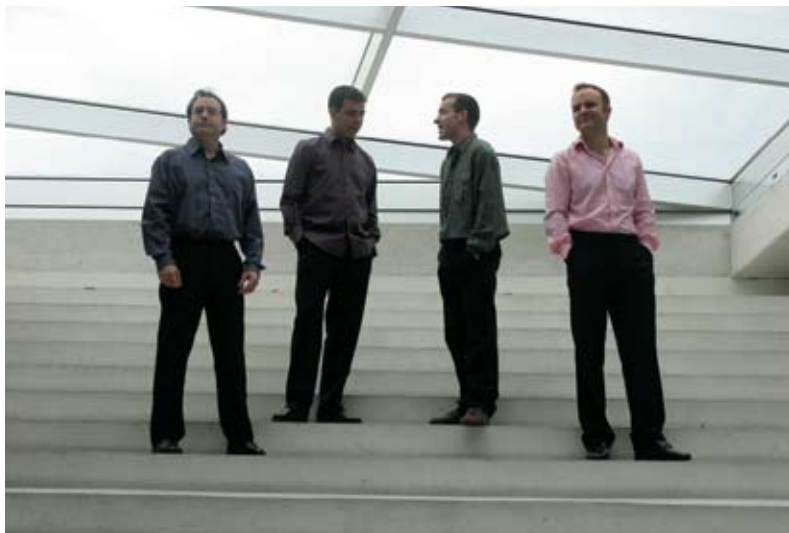
QUARTETO

REMIX

Concerto comentado por Rui Pereira

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



DOM 16 MARÇO 2008 · PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 11h00 · DUR. 1h30 · M/6

Quarteto Remix

Violinos Angel Gimeno e José Pereira

Viola Trevor McTait

Violoncelo Oliver Parr

Programa

Cláudio Carneiro

Quarteto de Arcos em Ré menor (1947)

- 1 *Austeramente*
- 2 *Andante assai moderato*
- 3 *Rondo alla Lusa*

Benjamin Britten

Quarteto de Cordas n.º 2, em Dó maior, op.36 (1945)

- 1 *Allegro calmo senza rigore*
- 2 *Vivace*
- 3 *Chacony*

O quarteto de cordas, geralmente escrito para dois violinos, viola e violoncelo, é universalmente considerado como a forma suprema de expressão artística na música de câmara. Desde logo, o cenário é privilegiado para os músicos partilharem as suas ideias com a intimidade adequada a uma comunicação perfeita e esta combinação de instrumentos reúne os recursos sonoros e a extensão necessária para desempenhar a melhor polifonia a quatro vozes. Este facto advém dos instrumentos de cordas terem uma paleta de recursos expressivos enorme e poderem criar sonoridades de grande unidade ou produzirem, de igual forma, atmosferas contrastantes entre si.

O termo que designa este género apareceu na literatura musical por volta da década de 1780 sendo que já se escrevia para combinações idênticas de instrumentos desde muito antes. No entanto, as obras que davam pelo nome de *sonate a quattro* ou *sinfonia italiana*, esta última com um efectivo de músicos mais alargado, eram geralmente acompanhadas

por um instrumento de tecla com função de contínuo. A partir da segunda metade do século XVIII os grupos formados exclusivamente por estes quatro instrumentos eram já uma realidade e tocavam música que obedecia à estrutura da forma-sonata, utilizada nas *sinfonias*, mas a que atribuíam o nome de *divertimento*. Estes proliferaram no que é hoje o território da Alemanha e da Áustria e de entre os muitos nomes de compositores associados ao género, ganhou destaque Joseph Haydn, figura que se considera a par da influência mais leve de Boccherini.

Mozart adoptou o estilo de “papá Haydn” e deu uma extraordinária autonomia à linha melódica de cada instrumento. Sobre o quarteto de cordas passa a ser dito que é como assistir à conversa entre quatro pessoas inteligentes, no sentido em que todas têm algo de pertinente para dizer e nenhuma se reserva um mero papel de acompanhamento. Sob o signo de Haydn e Mozart, Viena de Áustria tornou-se a capital da música em geral e do quarteto de cordas em

particular. Este tipo de formação atingiu enorme popularidade a qual se reflectiu numa grande diversidade estilística, nomeadamente nos *quartetos concertantes* e nos *quartetos brilhantes* que se assemelhavam ao estilo do concerto solista na inclusão de cadências a solo. Acresce dizer que o quarteto de cordas era ideal para tocar em casa entre amigos, na esfera do privado, e era igualmente ideal para se fazer ouvir nos salões dos ricos mecenas, representando um custo muito menor do que suportar uma orquestra.

Os quartetos eram geralmente compostos por três a quatro andamentos. A pessoa que mais contribuiu com excepções a estas regras foi Beethoven que apresentou os seus primeiros quartetos na viragem para o século XIX. Surpreendeu por reservar a forma-sonata para o último andamento, escrever uma fuga para abrir ou terminar um quarteto, mudar de tonalidade em todos os andamentos que podiam chegar a atingir um total de sete ou, até mesmo, criar ilusionismos sonoros ao alterar a normal tessitura dos instrumentos. Após Beethoven, e entre os compositores da Viena oitocentista, apenas Franz Schubert se destacou no género tendo este alastrado com maior notoriedade a outras paragens. Por entre outros compositores menos conhecidos que se dedicavam ao género,

surgem igualmente os ilustres nomes de Mendelssohn e Schumann que dão ao quarteto um rumo de transcendência musical pelo seu denso conteúdo.

No final do século XIX a Europa de leste tomou a liderança no domínio do quarteto de cordas com composições escritas por Borodine, Glinka, Rubinstein, Tchaikovski, mas sobretudo por Dvorák, que deixou catorze exemplos do melhor que se escreveu para a formação, combinando a tradição clássica com o inovador nacionalismo checo de ascendência folclórica. No século XX, num período em que a complexidade da escrita parecia não ser a mais adequada a esta pequena combinação de instrumentos, Debussy ou Ravel escreveram exemplos magistrais das possibilidades expressivas do quarteto. Para além de um nome que se destacou pela criação de seis quartetos altamente característicos no seu estilo, Béla Bartók, e do interesse manifestado por Alban Berg, Schoenberg e Webern que seriam responsáveis no firme lugar que o quarteto de cordas enquanto género composicional continua a ter hoje, Chostakovitch deixou o espólio composicional de maior significado no século XX (convém referir que os dezoito quartetos de Milhaud ou os dezassete de Villa-Lobos nunca atingiram o mesmo estatuto).

As obras em programa que escutaremos esta manhã na interpretação do Quarteto Remix foram escritas no final da década de 1940 e situam-se nesta perene tradição. No entanto, e apesar de apenas dois anos separarem a sua criação, elas são manifestamente distintas. Essa diferença não resulta num desfasamento de modernidade mas numa questão essencial de carácter, sendo a obra de Carneiro muito mais intimista, e a de Britten um dos mais notáveis exemplos da dimensão sinfónica na escrita para quarteto.

Filho do célebre pintor António Carneiro, Cláudio Carneiro nasceu no Porto a 27 de Janeiro de 1895. Sem tradições musicais na família mas muito bem relacionado com a elite artística e intelectual da Invicta, manifestou desde cedo um grande gosto pela música e viria a abandonar os estudos liceais para se dedicar ao violino. Estudou com Lucien Lambert, um professor de composição sediado no Porto, o qual o recomendou ao seu velho mestre Théodore Dubois, director do Conservatório de Paris.

Desde as primeiras obras que compôs, talvez devido ao conhecimento mais aprofundado que tinha do violino, revelou uma especial aptidão para a

escrita para cordas. Em 1920, foi precisamente um *Prelúdio Coral e Fuga* para cordas que viria a chamar a atenção de Gabriel Pierné, director dos Concertos Colonne em Paris, sendo a obra incluída na programação da famosa orquestra. A honra levou-o a ser admitido na classe de Charles-Marie Widor, que preparava os candidatos ao Prix de Rome. Cabe referir que Widor conhecia a cidade do Porto por ter inaugurado o órgão do Palácio de Cristal.

Desde então, a carreira de Cláudio Carneiro dividia-se constantemente entre compromissos em Portugal e em Paris e viria a ser marcada por uma vontade continuada em se aperfeiçoar, mesmo na idade adulta, com mestres como Paul Dukas. Laureado com o Prémio Moreira de Sá (o fundador do mais importante quarteto de cordas português do início do século), foi nomeado Professor do Conservatório do Porto em 1938, um ano mais tarde funda uma Orquestra de Cordas e em 1943 foi nomeado director do Emissor Regional do Norte. Foi o compositor mais importante do seu tempo na cidade do Porto e um dos responsáveis pela solidificação do modernismo musical em Portugal.

É apenas na década de quarenta que Cláudio Carneiro, que sempre se tinha feito notar por tratar temas populares de forma discreta, manifesta uma

proximidade intencional ao atonalismo. Mundos aparentemente distantes, eles encontram nas últimas obras de Carneiro, as quais exploram as relações entre os intervalos como forma de desenvolver o conteúdo musical, uma depurada síntese conciliadora.

Neste âmbito, o facto do Quarteto de Arcos se apresentar na tonalidade de Ré menor parece uma ironia. Escrito em 1947, demonstra um completo domínio da forma e de diversas técnicas de composição. Dividido em três andamentos, tem nos dois primeiros um retrato da ambiência característica das obras de Cláudio Carneiro, uma certa melancolia que aqui é acentuada por um cromatismo e pendor modal que lembram obras congêneres de Chostakovitch. A instabilidade tonal é igualmente dominante numa obra que não deixa de ser extremamente melódica. O primeiro andamento é austero, como indica a partitura e o anuncia a viola de arco com o tema de carácter severo e um pouco indiferente. Um segundo tema, apresentado pelo primeiro violino na tonalidade de Fá maior, é muito mais lírico e afável. Estes dois elementos dominam uma forma-sonata fortemente contrapontística. O segundo andamento é mais lento e desenvolve-se a partir de uma breve célula de cinco notas que o ouvinte mais atento já terá escutado

no primeiro andamento. O último andamento é um intrigante *Rondo alla Lusa* onde no meio de forte pendor atonal é possível reconhecer vários temas de carácter popular, se bem que distorcidos por diversas técnicas de harmonização, polifonia e, sobretudo, de desfasamento rítmico.

Benjamin Britten nasceu em Lowestoft a 22 de Novembro de 1913 e foi indiscutivelmente o mais importante compositor britânico do século XX. De entre os três quartetos para cordas que compôs, o segundo é considerado o mais notável. Juntamente com o *Guia da Orquestra para Jovens*, o segundo quarteto data de 1945 e resultou numa homenagem a Purcell no 250.º aniversário da sua morte.

O primeiro andamento está estruturado numa tradicional forma-sonata mas na qual a exposição tem grandes dimensões, criando a ilusão do desenvolvimento ser diminuto. A sua introdução, marcada por grandes intervalos melódicos (10.^a), remonta-nos para sonoridades ancestrais, originadas em notas pedais que soam como bordões. Estas duas características principais (intervalos melódicos e notas pedal) serão desenvolvidas de forma verdadeiramente imaginativa dando origem a diversas unidades temáticas. Como na obra de Carneiro,

a escrita é muito contrapontística mas as sonoridades criadas são comparativamente gigantescas.

O *Vivace* é um andamento de efeitos sonoros espectaculares marcados por uma consistente diferenciação dinâmica. A Chaconne final resulta na homenagem a Purcell. O seu tema é anunciado em unísono por todos os instrumentos, ao qual se seguem 21 variações que exploram técnicas diferentes (variações harmónicas, rítmicas, melódicas, contrapontísticas...). Neste andamento, Britten recupera a tradição dos *quartetos brilhantes* ao escrever cadências solistas como forma de ligação entre partes diferentes, demonstrando cabalmente o virtuosismo de cada instrumentista.

RUI PEREIRA



Quarteto Remix

O Quarteto Remix é formado por solistas do agrupamento de música contemporânea Remix Ensemble e deu o seu primeiro concerto em Fevereiro de 2008, tendo como objectivo principal a divulgação do repertório para quarteto de cordas escrito desde o início do século XX até à actualidade. Esta é a sua estreia em Lisboa.

Angel Gimeno nasceu na Venezuela. É diplomado pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (primeiro prémio na classe de Michèle Auclair) e pós-graduado pelo Conservatório Tchaikowski de Moscovo na classe de Evguenya Tchugaeva. Além do seu trabalho com o Remix Ensemble, Angel Gimeno está à frente do Nieuw Ensemble de Amesterdão. Nesse âmbito, estudou directamente com Berio, Emmanuel Nunes, Boulez, Ferneyhough, Harvey, Donatoni e Luís de Pablo.

José Pereira nasceu em Lanhelas em 1983. Em 2004 venceu o Prémio Jovens Músicos da RDP. Terminou a licenciatura na classe de Aníbal Lima com a classificação de 19 valores. Actualmente é membro do Remix Ensemble, do Moscow Piano Quartet e da Orchestrutopica.

Trevor McTait nasceu em Inglaterra. Estudou Violino na Royal Academy of Music, em Londres, onde concluiu a pós-graduação em Viola, tendo concluído o Mestrado na Universidade de Cambridge. É músico do Remix Ensemble e chefe de naipe da Orquestra Barroca Casa da Música. Toca assiduamente com a Orquestra Sinfónica da BBC em Londres e é chefe de naipe da National Symphony Orchestra.

Oliver Parr é natural do Reino Unido. Estudou no Royal Northern College of Music com Eduardo Vassalo, em Paris com Aldulesco e na Escola Superior de Música de Detmold com Karine Georgian. É violoncelista do Remix Ensemble e tem-se apresentado com a Holland Synfonia, a Sinfonietta de Amesterdão e a English Touring Opera. Colaborou com os Ensembles Asko e Schoenberg, as Orquestras Sinfónicas da Cidade de Birmingham e da Holanda, bem como com a Orquestra Filarmónica de Londres.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

JAZZ SEXTA 28 MARÇO



Fotografia de Máio Santos

Orquestra Jazz de Matosinhos convida Chris Cheek

Música de Carlos Azevedo e Pedro Guedes

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DURAÇÃO 1h15 · M/12

Com a recente deslocação a Nova Iorque para concertos no mítico Carnegie Hall e na Jazz Gallery, a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) viu reconhecida internacionalmente a consistência do trabalho que vem fazendo desde a sua fundação, em 1999.

“A Orquestra Jazz de Matosinhos tem vindo a afirmar-se, paulatinamente, como uma das mais originais e peculiares experiências no actual panorama das big bands europeias.”

MANUEL JORGE VELOSO

OJM invites Chris Cheek, nome do primeiro trabalho discográfico da banda

dirigida por Carlos Azevedo e Pedro Guedes, está na base de um concerto que inclui temas inéditos dos seus dois mentores, e que conta, como diz o crítico Manuel Jorge Veloso, com “um solista à altura da exigência”: o saxofonista norte-americano Chris Cheek.

“Toda a música escrita para *Invites Chris Cheek* apresenta uma elevada consistência interna, soando cada um dos arranjos como uma entidade orgânica, com vida própria, que o solista convidado (Chris Cheek) tratou de nutrir da melhor forma.”

PAULO BARBOSA, *PÚBLICO*, JUN 2007

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

COLECÇÃO DE ARTE

DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Maria Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

grupo



**Caixa Geral
de Depósitos**



casa da música